

Memória e esquecimento no ciberespaço: a subjetividade na era da comunicação digital

Aline Pinto Luz¹
Reginaldo Gonçalves do Amaral²

Resumo: O artigo busca entender se a utilização das tecnologias digitais, por meio dos diários virtuais ou *blogs*, potencializam o registro da memória coletiva no ciberespaço. Para tanto, pretende-se avaliar se os *blogs*, apesar do estereótipo de fugacidade característica dos ambientes virtuais, constituem uma nova possibilidade de registro da memória e valorização da informação. Também objetiva-se analisar como se caracterizam as ações dos indivíduos em ambientes virtuais e até que ponto a subjetividade individual é afetada pelas relações sociais no ciberespaço. Apresentou-se a trajetória da sociedade da informação, abordando a evolução nas formas de tratamento da informação até sua aplicação no ambiente das novas tecnologias, apontando os reflexos para o seu armazenamento, tratamento e difusão sobre os estoques informacionais, sob o prisma da memória enquanto objeto multidisciplinar de estudo, apropriado por várias áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Ciberespaço. Blogs.

Introdução

No início dos tempos da comunicação, havia uma pluralidade de sociedades, de cultura oral, vivendo fechadas em si mesmas. Cada tribo tinha a própria linguagem e partilhava um contexto único. O conhecimento, limitado às lembranças dos mais velhos, era repassado, de geração a geração, apenas aos membros daquela comunidade.

Com a escrita e, em seguida, com a imprensa, abriu-se uma nova perspectiva, universal, de comunicação e difusão de conhecimentos. Os “mais instruídos”, autores dos livros, repassavam sua visão particular do mundo, influenciando a todos e difundindo suas ideias a quem tivesse a oportunidade de ler suas obras.

¹ Pós-graduada em Comunicação e Marketing em Redes Sociais, pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) de Vitória da Conquista. E-mail: apluz@gmail.com

² Professor da Disciplina Cibercultura e Redes Sociais, da Pós-Graduação em Comunicação e Marketing em Redes Sociais, da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). E-mail: reginaldog.amaral@gmail.com

Na fase atual de evolução da comunicação, com a cibercultura³, conseguiu-se atingir a universalidade e a diversidade de comunidades, com pontos de vista por vezes desiguais e conflitantes. Com a virtualização e a globalização da sociedade, o processo de produção da informação e do conhecimento deixou de ser hierárquico para se tornar horizontal, descentralizado e interativo.

Nesse contexto, é que estudos e perguntas em torno da memória continuam instigantes e muito pertinentes. Passando por áreas diversas, muitos investigam sobre os motivos pelos quais os indivíduos guardam ou descartam informações, lembranças e vivências. Muitas pesquisas já compreendem melhor as estratégias cerebrais para isso. Mas as questões voltadas à memória sempre trazem outras dimensões até então impensadas.

Se em um determinado momento da história, a memória estava diretamente ligada ao registro e armazenamento de informações, hoje isso assume um grau de complexidade elevado, pois, no período pós-Internet, armazenar e reter conteúdos passou a ser um problema menor e ao mesmo tempo maior pela diversidade de informações ao alcance de um toque na tela.

Somados, redes sociais, com imagens, registros, narrativas, que falam de pessoas e lugares, conectados à digitalização permanente de documentos, o mundo vive um tempo em que a memória organizada em rede constitui uma grande e larga memória. A pergunta agora é em torno da apropriação que está sendo feita de tantas possibilidades.

Paralelamente, com a abundância de informação em circulação, alguns autores apontam para uma era do esquecimento. Uma evidência, porém, é clara: examinar a constituição da memória é investigar encontros, desencontros, reencontros e ainda uma multiplicidade de informações, armazenadas em larga escala, num cenário cercado de paradoxos entre a superinformação e a amnésia.

Muito há para lembrar, atualizar e muito há para esquecer, como apontam os estudos em torno das estratégias do cérebro. Em meio a tanta diversidade, um apontamento, porém, se faz presente no pensamento de

³ Conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolveram com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 1999).

praticamente todos os autores sobre o tema: a multiplicidade. Observa-se que a memória é multimídia e está relacionada a muitas linguagens narrativas.

A memória está ligada aos sentidos humanos em todas as suas possibilidades e também aos muitos papéis que o sujeito é capaz de exercer na sociedade, seja presencial ou virtual, dimensões cujas fronteiras desaparecem. A memória pode ser de várias ordens caso as investigações não sigam por uma linha generalista. Lembrança ou esquecimento estão associados também a estratégias cerebrais e estímulos que têm origem nas próprias lembranças e vivências.

Com base nesses conceitos é traçado um caminho mostrando os encontros e os conflitos em uma nova sociedade que surge, no qual a principal “ferramenta” de sua própria construção é a informação. Através da possibilidade de uso dessa “ferramenta”, pretende-se abordar a memória em ambientes virtuais utilizando para tanto os *blogs*, conhecidos como diários virtuais, e que neste contexto poderá ser percebido como uma possibilidade a mais de se tornar um depósito da memória recente da sociedade. Há que se refletir um pouco sobre os aspectos da memória e do esquecimento na internet, um espaço em que as conexões acontecem de muitos para muitos, sem distinção de credo, raça e outras particularidades do indivíduo.

E, como a memória perpassa pelas práticas culturais, além de estar intrinsecamente interligada com o indivíduo e a sociedade, estas reflexões corroboram para a compreensão do mundo atual, suas implicações no contexto social que englobam o mundo cibernético, pois este é um outro local que os indivíduos também interagem e disponibilizam suas experiências nos espaços virtuais.

Referencial Teórico

A necessidade do homem em registrar sua vivência, suas lembranças vem de períodos remotos. Desde que o homem apareceu na terra, existem indícios de formas de registros de sua vida, a exemplo dos tempos das cavernas através das inscrições rupestres, como um legado das gerações que nos antecederam. A maneira como se registra, o meio, não importa. O que

importa é que haja algo a contar, seja em cavernas, oralmente, em papel ou através de uma tela de computador.

Esse registro se traduz especificamente no elemento informação. Atualmente existem várias definições do que seja informação. Porém, para o escopo deste trabalho será adotada a definição de Barreto (1994) onde ele coloca que

A informação sintoniza o mundo. Como onda ou partícula, participa na evolução e da revolução do homem em direção à sua história. Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino; mesmo antes de seu nascimento, através de sua identidade genética, e durante sua existência pela sua competência em elaborar a informação para estabelecer a sua odisseia individual no espaço e no tempo. (BARRETO,1994)

A forma como a informação “sintoniza o mundo” é bastante diversificada, principalmente em se tratando da variada gama de possibilidades para alcançar esse fim, podendo ser armazenada em diferentes suportes, seja impresso, digital, através de ondas sonoras ou audiovisuais (LE COADIC, 2004). No entanto, há um elo com todos esses suportes, que é o sentido, a forma compreensiva e lógica com que a informação é inscrita, facilitando assim o seu resgate.

Nessa perspectiva, faz-se necessário perceber a relevância que os registros da informação tomaram na sociedade. Primeiro, substituindo a oralidade, através da escrita, posteriormente multiplicando a informação através das diferentes fontes, destacando nesse momento, os acervos das bibliotecas como meio de dar suporte à “[...] uma das funções do cérebro humano, que é a memória” (LE COADIC, 2004, p.5).

Esta evolução provocou o que se denominou explosão documental, posteriormente chamada explosão da informação, motivada pela invenção da imprensa, dos tipos móveis por Gutenberg, no século XV. Este fenômeno provocou a multiplicação de documentos e conseqüentemente do conhecimento em sociedade.

Através da possibilidade de uso da informação nos *blogs* é que se pretende tratar da questão da memória em ambientes virtuais e avaliar se são

uma possibilidade a mais de se tornar um depósito da memória recente da sociedade.

Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se comparar a sociedade da informação a um prisma em suas diferentes partes, onde cada uma delas ora dispersa, ora refletindo a luz, dependendo de onde se olha, se posiciona, e a cada olhar, uma nova imagem surge.

Dentre essas imagens se percebe o domínio e a transformação de estruturas através da informação. Desse modo, a informação é algo capaz de transformar estruturas (sendo estas relacionadas ao mundo real). Esta transformação de estruturas é refletida, principalmente, no âmbito social. Assim a informação que vem do meio externo se junta à memória, que representa a experiência individual, e através do processo de reflexo há uma influência e até modificação do próprio organismo. Segundo Zeman (1970) “[...] a natureza se imprime cada vez mais profundamente no organismo.”

Caminhando sobre alguns conceitos de informação, percebe-se que termos como processo, transformação, reflexo, modificação estão inseridos na ideia de sociedade da informação que remete à explosão, relação homem/conhecimento/mercado, comunicação, desterritorialização da informação, tudo isso ligado à ideia de movimento, fluxo, vida.

Nesse contexto, a sociedade da informação terá o olhar direcionado para a sequência: rede, fluxo, inovação, por entender que esses são pontos que se completam, estão presentes e mostram um lado dinâmico e importante da sociedade.

Num ambiente onde informação é processo e produto, não é possível dissociá-la de sua relação com conhecimento e com a comunicação. De acordo com Le Coadic (2004, p.5) “[...]conhecer é ser capaz de formar a ideia de alguma coisa[...]”. Nesse sentido, a informação potencial “morta” se transforma em uma informação atual “viva”, quando o receptor reage a essa informação e transforma sua estrutura de conhecimento, organizando uma nova informação, alimentando e realimentando o processo entre emissor e novo receptor.

Diríamos que, hoje, a informação não mais se move segundo os ditames da comunicação, mas em função do aparato tecnológico da globalização, numa velocidade assombrosa. Tudo é instantâneo, imediato, sendo que a essência

da informação veiculada pelas mídias é um conjunto de impressões, de sensações voláteis e fragmentadas. Digital e virtual atravessam os limites entre os signos e os objetos do mundo, no hibridismo dos multimeios, como explica Parente, ao retomar o pensamento de Latour (2004):

Para Latour, de fato, os híbridos emergem da rede como intermediários entre os elementos heterogêneos objetivos e subjetivos, sociais e tecnológicos, saberes e coisas, inteligências e interesses, em que as matérias e as subjetividades são trabalhadas, forjadas, fundidas sem o controle dos métodos ditos objetivos da ciência. (PARENTE, op. cit. p. 104)

Entende-se que, com a apropriação do comando digital, as habilidades nessas novas linguagens possibilitam a inserção do sujeito numa esfera privilegiada de conhecimento, além de apontar para o redimensionamento do espírito investigativo e da imaginação criadora na cibercultura. Por outro lado, quando passam a signos de poder e de status, tais habilidades não só alteram profundamente as formas de comunicação e expressão, como podem acabar por se constituírem numa celebração/ostentação da trivialidade, da irrelevância e da imponderabilidade.

Nesse sentido, o fio condutor deste raciocínio prende-se à ideia de verificar de que forma meios, códigos e linguagens multiplicam-se e hibridizam-se, ao operarem com resultados extremos da tecnologia, vendo-se, portanto, obrigados a romper com a antiga oposição entre o pensamento simbólico e o pensamento técnico. É importante considerar a força com que os novos meios de veiculação de mensagens exercem influência na socialização e na subjetividade, uma vez que as tecnologias digitais introduzem elementos inéditos, tanto vivenciais quanto estéticos, em nossa cultura informatizada.

Hoje, intensificados na globalização, que alimenta as possibilidades de expansão das paisagens urbanas e anula as perspectivas espaciais em favor de uma dimensão multifacetada, os contornos das cidades são expandidos para além das barreiras geográficas e físicas.

A informação se torna, assim, a base de novos conhecimentos que são responsáveis pela elaboração de novas informações, formando um ciclo de informação e conhecimento capaz de motivar uma ação. Nessa ação predomina um outro processo, o da comunicação. Partindo de sua definição

que vem do latim *communicare*, cujo significado seria “tornar comum”, “partilhar”, “repartir”, “associar” e ainda “trocar opiniões”, vê-se que a comunicação é a resposta de um organismo a um estímulo e, ainda, é o processo que possibilita a troca de informações entre as pessoas; porém mais do que uma troca ou transferência de informação deve haver uma coparticipação. Informação e comunicação caminham juntas como processo e produto, objetivando a transferência da informação. Essa transferência se dá através de diversas formas, todas utilizando algum tipo de suporte, seja ele sinais sonoros, gráficos, impressos ou eletrônicos. Essa diversidade de suportes, aliada a evolução da informática, evidencia ainda mais a necessidade de tratamento e representação da informação, como forma de padronizar e permitir sua recuperação eficaz, independente do seu suporte.

Assim, a evolução nas formas de tratamento da informação, inauguram uma nova fase de manipulação desses itens informacionais, a partir da aplicação de novas tecnologias para o seu armazenamento, tratamento e difusão. Esses conjuntos de informações se traduzem em “estoques informacionais”.

Para Barreto, estoque de informação é

[...] a reunião de estruturas de informação. Estoques de informação representam, assim, um conjunto de itens de informação organizados (ou não), segundo um critério técnico, dos instrumentos de gestão da informação e com conteúdo que seja de interesse de uma comunidade de receptores [...] (BARRETO, 2000)

É aí que se percebe um outro ponto complementar a essa questão que é a memória. O processo de formação da memória encontra-se atrelado à noção de estoques, concretizando-se, principalmente, através de uma comunidade de receptores, como anteriormente mencionado, bem como em nível individual. Mas, se torna interessante entender como os registros e estoques são formados.

Em seu livro *História e memória*, Le Goff (1994) enfoca indiretamente a questão dos estoques de informação como repositórios naturais da memória. Desse modo coloca que

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas (LE GOFF, 1994, p.423)

Percebe-se em sua escrita, a valorização da informação presente e passada como forma de registro da memória. Ele avança ainda mais quando coloca que as informações armazenadas são passíveis de serem comunicadas através do tempo e do espaço. Assim, o registro é realizado por um processo individual de marcação e memorização.

Para Halbwachs (2004), a memória é construída pela soma das experiências em relação à percepção de tempo. Assim, quando as são ativadas, é comum que se faça uma visita a este determinado período que se encontra impregnado de vários elementos (cheiros, sons e outros).

É a memória individual agindo para remeter a um tempo de cada um. O mesmo autor relata ainda que é possível acessar as lembranças, e quando isso acontece é como se o espírito visitasse rapidamente o fato, fazendo com que a noção de tempo acelerasse (HALBWACHS, 2004). Com isso, conclui-se que a construção da memória é dissociada de uma forma materializada, na medida em que se constitui em um processo subjetivo, passível de interpretações individuais.

Porém, junto a essas memórias individuais há uma outra, que é a memória coletiva. Halbwachs (2004) coloca que os indivíduos se conduzem com a ajuda da memória do grupo, e é necessário entender que essa ajuda não implica na presença atual de um ou vários membros do grupo.

Essa forma de preservação da memória, independentemente da presença de alguns membros do grupo, é o que Le Goff (1994) aponta como sendo a “história ideológica” ou memória coletiva, onde há uma tendência em confundir a “história e o mito”. Segundo o autor, isso se faz presente principalmente em sociedades “sem escrita”, onde surge a presença dos “homens-memória [...] que são a memória da sociedade [...]”(LE GOFF, 1994, p.429), e representam tanto a memória factual como a ideológica.

Numa perspectiva complementar, Chauí (2003) aborda a memória individual como “[...] uma forma de percepção interna chamada introspecção,

cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento [...]” (CHAUÍ, 2003, p.138). E na dimensão coletiva a autora enfatiza a “[...] memória objetiva gravada nos monumentos, documentos e relatos da história de uma sociedade.” (CHAUÍ, 2003, p.138).

Porém, é possível perceber que não se tem uma ruptura brusca nas formas de preservação da memória. O fato dos “homens-memória”, mencionados por Le Goff (1994), não existirem mais, não nega a existência de uma cultura com vestígios de oralidade. O mesmo aconteceu na passagem do livro manuscrito para o impresso.

Outro passo dado no sentido de registro e resgate de uma memória pode ser sentido através do texto eletrônico. Agora não é mais o papel manuscrito ou impresso, mas sim uma tela, fazendo a ponte entre o texto e o leitor. Suas características diferem do livro em rolo da antiguidade ou do livro contemporâneo como o conhecemos. Sendo assim, percebe-se que

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p.13)

Para além da oralidade e da escrita, a memória, no pensamento de Mitchell (2006, p.65), é um fenômeno multimídia. Há uma memória do texto, há memórias de imagens, há memórias de narrativas, há memórias de dados. Há uma variedade sem fim de diferentes tipos de coisas que podem ser lembradas. E, na verdade, em níveis técnicos nos sistemas de computador, eles se transformam em diferentes tipos de estrutura de dados que explicitam muitas representações sociais e culturais.

A sociedade, em se tratando de sua constituição, foi e continua sendo permeada por contrastes, paradoxos, paradigmas estabelecidos para a legitimação de poder, bem como a hegemonia e ideologia das classes, tendo

em vista todas as formas de identificação e racionalização da consciência dos indivíduos.

As relações de poder sempre estiveram presentes na construção e constituição da sociedade, sendo que as necessidades de cada indivíduo dependem da representatividade em que o sujeito está inserido socialmente, tendo como suporte os valores sociais e subjetivos deste contexto e da inserção no mundo.

O indivíduo estabelece produções de sentido em que se torna agente ativo do processo comunicativo, além de receber e sofrer a ação comunicacional na realidade virtual, e sua implicação na produção da subjetividade e análises conjecturais de todo o processo de produção do indivíduo. Assim, para enfatizar essas questões “a subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (GUATARRI; ROLINIK, 1996, p.28 apud TITONNI; NARDI, 2006, p.278).

As mudanças sociais caracterizam-se “à medida que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão uma com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda superfície da terra” (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2006, p.15).

Assim, Castells (2008) reflete que a modernidade foi construída a partir da sociedade civil, e atualmente, estamos em uma sociedade em rede, em que a identidade é constituída por projetos originando-se uma “resistência comunal”.

A tecnologia como fato cultural multitemporal, ou seja, acontecimentos singulares que remetem ao passado, ao presente ou ao futuro, formando um mapa dobrável e desdobrável como uma geometria variável. Para Serres, o tempo funciona como um filtro, que ora faz passar, ora impede passagem. É desta forma que as tecnologias remetem ao duplo movimento de aceleração e desaceleração, inovação e tradição, desterritorialização e territorialização. A contemporaneidade se caracteriza cada vez mais pela edição ou a forma como as partes do sistema são montadas e articuladas”.(PARENTE, 2004, p.94)

Corroborando com as ideias de Deleuze, Gattari e Foucault, Parente reflete que as diversas técnicas de comunicação e informação formam um

inconsciente maquínico que interage e transforma, hoje, os inconscientes econômicos, psicológicos, linguísticos dos indivíduos.

Portanto, é condizente ressaltar que frente às transformações sociais, é necessário reflexões dos processos em que os indivíduos estão inseridos, em se tratando da contextualização e compreensão da sociedade atual, principalmente, nas conexões que nela emergem.

E, é salutar lembrar que memória perpassa pelas práticas culturais, além de estar intrinsecamente interligada com o indivíduo e a sociedade. Estas reflexões corroboram para a compreensão do mundo atual e suas implicações no contexto social que englobam o mundo cibernético, pois este é um outro local que os indivíduos também passam e disponibilizam suas memórias experienciais nos espaços virtuais, tornando-as coletivas.

O acesso crescente à Internet, de qualquer lugar, proporciona que os sujeitos usufruam de uma memória portátil ou mesmo possam consultar as narrativas de outros sujeitos. E tanto mais o ciberespaço se estende, mais universal ele se torna, e o mundo da informação menos totalizador, conforme pensa Lévy, que define a cibercultura como universal, sem uma totalidade.

O universal da cibercultura é desprovido tanto de um centro quanto de uma linha diretriz [...] É esta universalidade desprovida de significação central, é este sistema sem ordem, é esta transparência labiríntica o que chamo de universal sem uma totalidade. E constitui-se na essência paradoxal da cibercultura. (LÉVY, 2006, p.275)

Lévy (2006) considera uma das inovações interessantes do espaço da comunicação aberto pela internet é que se está diante de um tipo de paisagem mental coletiva de centros de interesse ou de paixões ou de áreas de competência. Defendendo uma perspectiva humanista, Lévy entende que a proximidade de espírito, na dimensão virtual, favorece a proximidade dos corpos, ainda que não a determine automaticamente. O ser humano, pensa ele, independente do que faz, passa seu tempo relacionando-se com os outros e mesmo existindo numerosos tipos de relações, a internet pode servir a todas elas, o que não quer dizer que todas devam integralmente passar por ela. A internet é, na verdade, uma ferramenta, entre tantas outras. Lévy faz referência também à rápida expansão da web e às consequências disso para a memória.

O sistema de localização das informações e o caminho de acesso resultam mais importantes do que o estoque de informações, ao que parece, garantido e disponível. O problema não é de registrar e, sim, de buscar, localizar, interpretar, sintetizar, selecionar, reler, até mesmo eliminar: é exatamente isso que a nossa memória animal faz. (LÉVY, 2006, p.272)

A questão da memória, completa o autor, é interessante quando não trata o tema de maneira generalista. E, assim, é possível falar sobre memória sistêmica, biológica, pessoal, familiar, cultural, profissional, da memória de uma empresa, ou seja, num espectro amplo.

Lévy (2006, p.274) ressalta que o registro não é um valor em si e o que vale é a inteligência coletiva se autonutrindo. Tudo está, segundo ele, na forma como esses registros serão usados. Tudo dependerá também da maneira como se organizam as informações, os acontecimentos, as lembranças, as imagens ou as emoções.

No ambiente virtual não é diferente. Vive-se atualmente a exploração e a descoberta das potencialidades dentro do mundo da grande teia de comunicação, a world wide web (www), onde algumas revoluções já aconteceram. Uma das mais recentes é a utilização cada vez maior dos web logs (abreviadamente, *blogs*), termo de origem americana, que provém da contração das palavras web (página na Internet) e log (diário de navegação) (SCHITTINE, 2004). De acordo com o Dicionário de informatiquês, o termo blog pode ser definido como

Jornal pessoal publicado na Web, normalmente com toque informal, atualizado com frequência e direcionado ao público em geral. *Blogs* geralmente trazem a personalidade do autor, seus interesses e um relato de suas atividades. (DICIONÁRIO de informatiquês, 2012, p.2)

Ainda segundo o dicionário, o blog é “[...] uma ferramenta que permite a qualquer pessoa criar uma página na rede de forma simples e rápida[...]”, tendo um conteúdo diversificado, podendo conter além de texto, fotos e vídeo. Uma outra característica dessa ferramenta é a facilidade de interação com outros internautas. O fato é que os diários virtuais já estão sendo considerados uma ferramenta revolucionária, principalmente pela facilidade da autopublicação.

Expressões como “compartilhamento de informações”, “inclusão social” e “discussão de ideias” são utilizadas pelos adeptos dessa ferramenta. Conhecidos também como diários virtuais, apresentam-se como um fenômeno em grande expansão na Internet, principalmente pela facilidade de uso.

Os *blogs* estão deixando a informalidade das salas de bate-papo, com seu aspecto amador e adolescente, para se destacar na imprensa e até se tornar tema de trabalhos acadêmicos, a exemplo do livro *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*, da jornalista Denise Schittine, publicado em 2004, como resultado de sua dissertação de mestrado pela UFRJ.

Nele, a autora aborda vários aspectos dos *blogs*, também chamado de diários íntimos. Entre esses aspectos estão a questão da fragilidade da memória virtual, advinda principalmente pela própria instabilidade da rede; o desejo do compartilhamento de escritos íntimos com os “outros”, o que pode ser considerada a grande diferença entre os diários em papel, onde o segredo era [e é] imperativo, e os *blogs* onde a opinião do leitor pode mudar completamente a relação entre autor e leitor.

Um outro ponto abordado por Schittine (2004) é a função jornalística que os *blogs* assumiram. Há uma grande presença de amadores responsáveis por “furos jornalísticos”, que são repassados instantaneamente a uma infinidade de pessoas, bastando acessar tal blog.

Portanto, a publicação desse livro mostra um outro lado das potencialidades de uma ferramenta tecnológica, o lado da interação com o homem de uma maneira mais “humanizada”. Ela [a ferramenta] como um meio de comunicação, e não como um fim em si mesma.

A literatura, através de Morin (2003), aponta para a necessidade de a educação tornar evidente o conhecimento pertinente, utilizando para tanto questões que se tornam invisíveis num pensamento fragmentado. São elas: o contexto, o global, o multidimensional e o complexo. Nessa linha de pensamento, o contexto dá sentido a um conhecimento, enquanto o global “[...] é o todo organizador de que fazemos parte [...]”(MORIN, 2003, p.37). Nesse contexto, o multidimensional permite uma visão holística de um fato, tendo em vista que a sociedade comporta várias situações. E por fim a complexidade

aponta para a educação como promotora de uma “inteligência geral” dentro de uma situação global, possível através da educação do futuro (MORIN,2003).

A partir dessa percepção, e concordando com as ideias do autor, tem-se uma possibilidade de utilizar uma ferramenta desenvolvida na área tecnológica, que já começa a ser usada com frequência por estudiosos da comunicação, e vinculá-la à questão da memória num ambiente virtual, caracterizado aqui através dos diários virtuais, os *blogs*.

Considerações Finais

A intenção de “religar os saberes”, de aliar a inovação dos *blogs* como possibilidade de trabalhar com informação, educação e memória é um tema instigante e também importante, já que há fortes indícios do crescimento e da diversidade de uso dos diários virtuais, que a princípio serviam a um público exclusivamente adolescente e hoje já apresenta mostras da sua diversificação, a exemplo do seu uso por testemunhas dos ataques de 11 de setembro em Nova Iorque, ou de um habitante iraquiano relatando em seu diário o cotidiano de guerra em seu país. Este fato é relatado no livro *O blog de Bagdá*, escrito por Salam Pax, pseudônimo do autor que mantém sua identidade em sigilo. Nele, o autor publica como foram os piores dias dos ataques norte-americanos ao Iraque. Relatos que marcam a história da guerra vista por um cidadão iraquiano, que ajudam na construção da memória da guerra, escrita em um ambiente virtual.

O sentido de fugacidade e efemeridade que o virtual traz entra em choque com o sentido de registro de memórias estabelecido nos *blogs*. Esse “sentido de registro de memórias” é percebido quando se admite que memória “[...] é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança.”(CHAUÍ, 2003, p.140). Sendo, portanto, essa ponderação entre presente e passado, registro e fugacidade, o grande desafio a se desvendar com os *blogs*.

Referências

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os agregados de informação: memórias,

esquecimento e estoques de informação. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v.1, n.3, jun. 2000. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Acesso em: 06 set. 2012.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://www.alternex.com.br/~aldoibct/quest/quest.htm>>. Acesso em: 06 set. 2012.

BLOG: os blogs reúnem irmandades online. **Revista E**, ano 10, n. 11, maio de 2004. Disponível em: <revistae@sescsp.org.br>. Acesso: 07 set. 2012.

BLOG é disciplina de curso superior em faculdade norte-americana. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2002. Caderno Informática. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr1007200220.htm>>. Acesso em: 07 set. 2012.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6.ed. 1942. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, Paz e Terra: 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13a.ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

DICIONÁRIO de informatiquês. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/dicionarios/dicionario-b.jhtm>>. Acesso em: 07 set. 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MITCHELL, William. Diálogo com William J. Mitchell. Lugares, arquiteturas e memórias. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003. 118p.

PARENTE, André. Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea. In: RECIIS – **Revista Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, jan.-jun., 2007. p.101-105.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. IN: PARENTE, André (org). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 235p.

TITONI, Jaqueline; NARDI, Henrique Caetano. Subjetividade e trabalho. In: CATTANI; Antonio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2006.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: SANTILLANA, Georgio de et. al. **O conceito de informação na ciência contemporânea: colóquios filosóficos de Rauaumont**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.